

INOVAÇÃO EDUCACIONAL E IDEOLOGIA: GRANDEZAS E MISÉRIAS DE UMA RECOLOCAÇÃO

Maria Amélia Azevedo Goldberg

RESUMO

O trabalho dá continuação ao debate sobre a questão da ideologia e da inovação educacional. Analisa aspectos positivos e negativos da recolocação feita em número anterior dos Cadernos de Pesquisa.

ABSTRACT

The paper continues the debate started about ideology and educational innovation. It analyses negative and positive aspects of the re-examination of the theme published in the previous issue of *Cadernos de Pesquisa*.

O artigo *Inovação educacional e ideologia: uma recolocação*¹ começa afirmando que o texto *Inovação educacional: grandezas e misérias da ideologia*² "poderia ter o mérito de fomentar a discussão entre ideologia e inovação educacional. Entretanto a construção dos conceitos utilizados se nos apresenta como insuficiente para compreender e explicar a realidade social" (o grifo é meu). Mais adiante o referido artigo dirige outra crítica ao texto que o precede: "Logo de início pareceu-me ociosa a discussão entre 'os adeptos do ideologismo e do anti-ideologismo (que) tem produzido afirmações ora de condenação ora de valorização da ideologia' e do querer apontar as 'misérias' e as 'grandezas' da ideologia referente à inovação educacional; mas é ela mesma que revela a postura teórica da autora, aparentemente de cunho 'neutro', pesando cá e lá, tomando certo partido entre 'misérias' e 'grandezas' (o grifo é meu). Essas duas colocações parecem-me bem significativas: elas sintetizam os questionamentos principais que a autora faz do texto anterior. Para melhor examiná-los apelidemo-los de fragilidade conceitual e de postura ingênua. Vejamos o que há de verdade em cada uma dessas "acusações".

DA FRAGILIDADE CONCEITUAL

Essa idéia fica patente no trecho que reproduzo a seguir: "Nesta mesma linha de construção 'vaga' é que a autora erege (?) seu conceito de ideologia. Em determinado momento do texto parece que vai nos ser apresentado a sua concepção de ideologia, quando afirma: 'quem colocou pela primeira vez a questão da ideologia foi o velho Marx'. Ao criticar os 'ideólogos' alemães, Marx os acusava de pretender resolver as questões práticas da época no plano das idéias, e opunha a isto um pensamento prático, ativo, concreto. Nesta inspiração original, 'ideologia' era uma palavra pejorativa, que designava uma concepção falsa da realidade utilizada (. . .) pelas classes dominantes para iludir as pessoas e justificar o seu poder. A oposição não teria ideologias já que lidaria com a própria realidade sem precisar ocultá-la. — Na nova escolástica que é hoje grande parte do marxismo, a ideologia perde muitas vezes seu sentido inicial e surge como representando o 'nível da consciência', ou seja, tudo o que tem a ver com idéias, valores, conhecimentos, etc. dos diversos grupos sociais".

Compreende-se algum conceito de ideologia por aí? Estaria encampando esta parte em que o conceito refere-se à ideologia de qualquer grupo? Mas se assim for em relação à estrutura econômica e política desses grupos sociais como se situariam estas 'ideologias'? Não se sabe. Durante todo o texto não fica explícito a quem se refere a ideologia. Pelo excerto acima, na verdade, não há apreensão plena do que é ideologia nem em Marx, nem na escolástica marxista de hoje" (os grifos são meus).

Essa crítica pode ser facilmente refutada. Em primeiro lugar, ela se assenta no pressuposto de que a dis-

cussão de uma temática começa sempre pela definição rigorosa dos termos envolvidos. Embora isso possa ser verdadeiro em alguns casos, achei que seria completamente dispensável e ocioso numa seção de *Debates*. Parece-me difícil debater algo, partindo do pressuposto de que autor e leitores não sabem do que estão falando. Obviamente, poderia ter seguido o caminho de Marilena Chaui (1980) oferecendo ao público as características definidoras da noção de ideologia, em cinco ou seis itens específicos de modo a "evitar mal entendidos entre nós". Não o fiz, porém, por esperar que mal entendidos surgissem em questões mais fundamentais que as meramente conceituais.

Em segundo lugar, a crítica feita parece assentar-se num pensamento maniqueísta: ou se está com o *velho Marx*, ou se está com a "escolástica marxista de hoje". Em verdade, não há uma oposição definida entre ambos pois, como afirma Saviani (1980), o termo ideologia pode ser entendido tanto "no sentido mais amplo de 'orientação da ação', (quanto) como 'falsa consciência'". Em qualquer dos casos, situando-se ambos na vertente marxista de abordagem, é óbvio que ideologia não pode estar sendo concebida por mim como um "fenômeno 'desvinculado', sem articulação com o real acima da existência dos homens", como pretende a autora da crítica. Da mesma forma é óbvio que eu não poderia perceber como ausente, o que sempre esteve presente *como pano de fundo* de meu trabalho: "não se pode ter ideologia, educação, inovação educacional nas 'alturas', sem 'tombar' de alguma forma no terreno 'concreto' da produção social a que estes fenômenos estão referidos; embora frutos da 'consciência', não existem sem sua relação orgânica com a existência dos grupos sociais ou seja, com suas condições materiais de vida. *Mutatis mutandis* poder-se-ia transferir para nosso contexto, os comentários que Chaui (1980) tece a respeito da idéia de formação:

"Quem lê o *Emílio de Rousseau*, o *Que são as luzes?* de Kant, a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, a *Educação para a Liberdade* de Dewey, as *propostas da escola nova e da escola ativa*, as de *Summer Hill* ou as de *Freinet*, para não mencionar a *República de Platão*, o *Dos Ofícios de Cícero* e o de *Magistro de Santo Agostinho*, há de perceber que a idéia de formação é inseparável de um determinado campo teórico e do contexto histórico no qual é formulada a proposta pedagógica, de sorte que esta não pode ser compreendida sem a compreensão do papel atribuído ao pedagogo com relação à sociedade, à política e ao saber. Lembradas estas obviedades. (o grifo é meu)

Da postura ingênua

"Pretende a autora que haja melhoria da sociedade através da educação como técnica social supra classe?"

¹ *Cadernos de Pesquisa* (33): 77-80, maio 1980.

² *Cadernos de Pesquisa* (32): 60-64, fev. 1980.

(. . .) *Apreende-se (. . .) nas formulações da autora, traços da 'nova' ideologia dominante, a ideologia neocapitalista (. . .) que está nucleada na 'neutralidade'*” Com estas e outras colocações foi-me imputada uma “posição de neutralidade” e, conseqüentemente, uma postura ingênua, na medida em que não existindo neutralidade, ela só pode significar um viés ideológico no sentido ortodoxo do termo e, conseqüentemente, um compromisso com os “privilegiados sociais” e seus arautos modernos: os “príncipes” tecnocratas.

Como estudiosa do processo de comunicação, fico fascinada quando constato o que se pode “ler” nas entrelinhas de um texto. Não posso deixar, porém, de me sentir apreensiva quando verifico como, a partir da crítica que fiz à crítica da inovação educacional tecnocrática, pode-se facilmente concluir que — ao escrevê-la — nada mais fiz do que confirmar minha posição de “funcionário do Capital”. Não posso deixar, também, de lamentar que não se procure “pesar e considerar” as críticas numa perspectiva autenticamente crítica, em vez de criticamente procurar descobrir intenções maquiavélicas e adversários onde eles não existem. Este é o vício da *hiperpolitização* de que nos fala Debrun.

Finalmente, não posso deixar de sentir cansaço quando me vejo na contingência de reafirmar meu compromisso básico com a correção das desigualdades e injustiças sociais. “Na América Latina há uma noção básica, original de desigualdade social. . .” (Nilo, 1980).

“NÃO LEIA PARA CONTRADIZER E CONTESTAR...”

A pesar de anatematizado como funcionalista, a frase de Bacon também se aplica à reco-

locação da problemática da ideologia e inovação educacional feita por Covre.

E isso, por duas razões principais. A primeira delas porque, ao detectar algumas *misérias*, pude perceber as *grandezas* da recolocação marxista. Percebi que nestes tempos — que Thiago de Melo considera difíceis — não ser sempre *abertamente explícito* pode ser confundido com o silêncio característico da “falsa consciência”.

“A lógica ideológica é lacunar, ou seja, nela os encadeamentos se realizam *não a despeito* das lacunas ou dos silêncios, mas *graças* a eles” (Chauí, 1980).

Confirmei, também, minha concepção inicial de ideologia, a mesma que me permitiu lamentar suas misérias e valorizar suas grandezas. Nesse sentido, ideologia pode ter também uma função positiva: “um aspecto de *aposta*, de risco aceito, (. . .) que permite uma ação criadora (. . .) (ideologia não precisa ser) só alienante, mistificante, coisificante. . .” (Furter, 1966).

Por isso mesmo estou de acordo com Chauí (1980) quando afirmou³ que “a ideologia não está fora de nós como um poder perverso que falseia nossas boas intenções: ela está dentro de nós, talvez porque tenhamos boas intenções”.

Finalmente — e ao contrário do que Covre afirma — seu trabalho é o melhor desmentido de que meu artigo inicial “*poderia ter o mérito de fomentar a discussão* entre ideologia e inovação educacional” (o grifo é meu). A discussão foi aberta: pode e deve prosseguir.

³ Vale a pena lembrar que os argumentos da autora são diferentes dos meus. Todavia a frase continua sendo verdadeira para ambas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUÍ, Marilena de Souza. Ideologia e educação — *Educação e Sociedade* (5): 24-41, janeiro 1980.
- FURTER, P. *Educação e reflexão*. Petrópolis, Editora Vozes, 1966.
- NILO, S. U. El desafío de America Latina a la teoria e practica de la evaluación educativa, SP, 1980 (mi-me).

- SAVIANI, D. A Filosofia da educação e o problema da inovação em educação. In: GARCIA W.E. (coord) *Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas*, São Paulo, Cortez Editora/Autores Associados, 1980.